

sinopse Londres, 1950. Hester Collyer (Rachel Weisz), a jovem esposa do juiz William Collyer (Simon Russell Beale), leva uma vida confortável. Apesar de tudo, o seu casamento há muito que perdeu a chama e ela sente-se infeliz e incompreendida. Até ao dia em que conhece Freddie Page (Tom Hiddleston), um atraente e impetuoso ex-piloto da força aérea britânica. A paixão por Freddie, assim como a relação erótica que nasce entre os dois, deixa-a emocionalmente dependente dele e, simultaneamente, isolada de todos os outros. Porém, apesar de consciente de que jamais sentirá o conforto e a estabilidade que antes sentia, regressar ao tédio da sua vida anterior é algo que já não imagina possível...

Realizado por Terence Davies ("A Casa da Felicidade"), um "remake" do filme com o mesmo nome realizado, em 1955, por Anatole Litvak e que contou com Vivien Leigh e Kenneth More nos principais papéis. O argumento tem por base a aclamada peça de Terence Rattigan, escrita em 1952.

Título original: The Deep Blue Sea (Grã-Bretanha / EUA, 2012, 98 min.)

Realização e Argumento: Terence Davies

Interpretação: Rachel Weisz, Tom Hiddleston, Ann Mitchell, Jolyon Coy

Produção: Sean O'Connor, Kate Ogborn

Musica: Samuel Barber

Fotografia: Florian Hoffmeister

Montagem: David Charap

Estreia: 28 de Março de 2013

Distribuição: Zon Lusomundo

Classificação: M/12



O teatro do romantismo

João Lopes, Cinemax

O contexto é o começo dos anos 50, com as memórias muito próximas da Segunda Guerra Mundial. Hester Collyer (Rachel Weisz), a jovem mulher de um alto magistrado, Sir William Collyer (Simon Russell Beale), apaixona-se por Freddie Page (Tom Hiddleston), emocionalmente ainda muito marcado pela sua experiência, em combate, como piloto da RAF...

Poderia ser o ponto de partida para uma digressão mais ou menos formatada, envolvendo duas ou três componentes temáticas: o estado de espírito da Grã-Bretanha depois dos traumas da guerra; o conflito entre uma aventura romântica e um casamento estável; a moral social contra as atribulações amorosas...

Claro que tudo isso está em "O Profundo Mar Azul" ("The Deep Blue Sea"). Mas nada disso faz do filme de Terence Davies um objecto banal ou estereotipado. Bem pelo contrário: retomando uma lógica de mise en scène que vem de títulos tão admiráveis como "Vozes Distantes, Vidas Suspensas" (1988) e "Aqueles Longos Dias" (1992), Davies filma o amor como uma tragédia particular vivida no interior do drama mais geral da existência humana.

É um cinema marcado pelo primado da palavra. E escusado será dizer que a peça de Terence Rattigan em que se baseia (já filmada em 1955, por Anatole Litvak, com Vivien Leigh e Kenneth More nos papéis de Hester e Freddie) fornece uma base textual riquíssima, essencial para sustentar a teatralidade do empreendimento.

Mas não é, entenda-se, uma teatralidade "teatral"... Apetece dizer que estamos perante um romantismo crítico, entendido, ele próprio, como um teatro humano tecido de desejos e emoções, valores colectivos e singularidades individuais. Mais do que isso: semelhante teatro existe a partir de mecanismos especificamente cinematográficos, criando um tempo ambíguo, objectivo e subjectivo, vivido em espaços que têm tanto de socialmente realista como de secretamente interior.

São poucos os cineastas contemporâneos que arrisquem, assim, criar uma escrita que, por assim dizer, se basta a si própria. E tanto mais quanto integra, sem preconceito, as matérias musicais (instrumentais e canções) como vectores essenciais da sua dramaturgia: dir-se-ia que Davies procura, justamente, encontrar essa musicalidade que pode nascer do encontro radical de dois seres humanos.

Não haverá, por certo, ao longo deste ano, muitos filmes "parecidos" com "O Profundo Mar Azul". Digamos, então, para simplificar que, mesmo antes de concluído o primeiro trimestre, sabemos já que temos à nossa disposição uma das obras maiores de 2013.

Fubar

Luís Miguel Oliveira, Público de 28 de Março de 2013

Terence Davies é um caso singular no cinema britânico das últimas décadas. Quanto mais não seja por ter vincado uma identidade de "autor" trabalhando sempre sobre modelos que, não negando um vínculo com a dominante corrente do "realismo britânico" (de onde vêm, e sempre estiveram, Ken Loach ou Mike Leigh), dela se afastam decisivamente. É por norma um cinema do artifício, do estúdio, com forte influência do musical (como espectáculo, teatral ou cinematográfico) e da música (como expressão popular, folk, no melhor, e quase etnográfico, sentido do termo), temperado por umas quantas persistências de raiz autobiográfica, como a cidade de Liverpool (terra natal de Davies) e os anos 50 da Grã-Bretanha (época em que Davies, que nasceu em 1945, cresceu). Não espanta que os seus melhores filmes sejam aqueles, feitos "em casa", em que tudo isto se junta harmoniosamente: ***Distant Voices, Still Lives***, que em finais dos anos 80 se aguentou semanas a fio no Quarteto, ou ***The Long Day Closes***. Nem que os piores, ainda que eventualmente mais famosos (o mercado é o mercado), sejam os que foi fazer à América, ***The Neon Bible*** ou ***House of Mirth***, que desfazendo o vínculo fundamental do cinema de Davies deixavam à vista o que ele tem de pior, a saber, uma queda para um academismo muito rígido (e muito "britânico") e muito bem ornamentado.

Toda a singularidade de Davies, inclusive o que nela há de mais indigesto, está expressa em ***O Profundo Mar Azul***. O filme adapta uma peça de Terence Rattigan, datada de 1952, e é uma espécie de end of the affair, até certo ponto bastante comparável com a conhecida história



de Graham Greene que não há muitos anos Neil Jordan adaptou - a história do fim de um amor ilícito (quer dizer, adúltero) entre a mulher de um juiz (Rachel Weisz) e um antigo aviador da RAF (Tom Hiddleston), contada parcialmente num flashback lançado pela tentativa de suicídio da personagem de Weisz, que é por onde o filme começa. Weisz e Hiddleston são muito bons, e até muito comoventes, e muito bons - muito “britânicos”, agora no bom sentido - são todos os actores secundários. A peça é perfeitamente integrada na sua época, a Inglaterra (Londres) do pós-guerra, reconstituída em estúdio: em estrutura circular, o filme abre e fecha com um movimento de câmara que sai (e no fim, volta) a uma casa em ruínas, mais do que provável ferida ainda não cicatrizada dos anos do Blitz. Mas é também a psicologia da época que está em causa, através da personagem do ex-aviador: FUBAR, descreve-se ele, recuperando um acrónimo do tempo da guerra (fucked up beyond all recognition) como justificação para a sua absoluta incapacidade de se comprometer emocionalmente - dessa incapacidade, desse estado de FUBAR, salta precisamente a implacável violência emocional do filme (e provável centro da peça de Rattigan), como radiografia psicológica da geração que combateu na guerra, se viciou em fear and excitement e nunca mais o encontrou depois de 1940, ano da Batalha de Inglaterra (“1940 foi o ano favorito dele”, como bem percebe Weisz). Muito justo, e muito convincente, tanto mais que Davies se serve da folk (as canções no pub, ou nos flashbacks no metropolitano durante os bombardeamentos do Blitz) não para “certificar” a época mas para ajudar a compor, muito para além dos clichés do stiff upper lip, um retrato da britishness muito pouco habitual.

O que nos corta o entusiasmo, então, num filme que parece ter sido feito a regra e esquadro? A intrusão de um lirismo um pouco pomposo, algures entre o adorno e o sublinhado (às vezes, como na sequência inicial, Davies parece imitar outro Terence, o Malick), que cria um choque interessante com a frieza dos actores e a sobriedade do seu registo, mas resulta sempre excessivamente composto, até na fotografia (onde o soft focus vem deixar os actores numa espécie de névoa permanente), como uma impressão de “romantismo” que se acrescenta à superfície do filme sem que ele o pedisse. Dirão que este excesso ornamental é parte integrante do estilo de Davies, e que está em todos os seus filmes. Certíssimo. Mas é por isso que Davies sempre foi difícil de engolir.